

Trabalho Terapêutico e Educacional com Crianças Implantadas: aquisição da linguagem oral e oficina de leitura e escrita

Maria José Monteiro Benjamin Buffa*

Kátia Fugiwara de Oliveira**

Andréa Gandolfi Berro***

Salimar Estilac Sandim Demétrio ****

Atualmente, o recurso mais indicado para a reabilitação de adultos e crianças com deficiências auditivas neurossensoriais bilaterais severas e profundas é o Implante Coclear (IC) por proporcionar o aumento da capacidade de perceber e entender sons ambientais e da fala, favorecendo a aquisição da linguagem oral. Trata-se de uma prótese inserida cirurgicamente, composta basicamente por duas partes (externa e interna). A parte externa constituída por microfone, processador e bobina de indução externa, capta o som conduzindo-o a parte interna: bobina de indução interna e eletrodos. O IC funciona de forma computadorizada, substituindo parcialmente as funções da cóclea, ou seja, transforma energia sonora em sinais elétricos, que serão interpretados no córtex auditivo proporcionando a sensação de audição.

Uma vez que 90% das crianças surdas nascem de pais ouvintes, e 97% nascem de pelo menos um dos pais ouvinte, justifica-se a busca do implante coclear feita pelos pais em função das necessidades e dos recursos da criança frente ao mundo, no qual a comunicação ocorre basicamente pela audição.

O uso de critérios para sua indicação baseia-se na avaliação criteriosa da criança, em relação à faixa etária e aos aspectos audiológicos, emocionais, cognitivos e fisiológicos, como na avaliação e expectativa da família, cuja atuação no processo educacional e terapêutico é de fundamental importância.

É importante ressaltar que o implante coclear, apesar de ser uma tecnologia de ponta, não elimina a surdez, mas possibilita à criança implantada a aquisição de

*Pedagoga, Chefe Técnica do Serviço de Educação e Terapia Ocupacional e Coordenadora do Centro Educacional do Deficiente Auditivo (Cedau) e do Núcleo Integrado de Reabilitação e Habilitação (NIRH) do Hospital de Reabilitação de Anomalias Craniofaciais (HRAC) da Universidade de São Paulo (USP), Especialista em Psicopedagogia e em Administração Hospitalar, doutora em Distúrbios da Comunicação Humana. E-mail: zeze@centrinho.usp.br

**Pedagoga do Centro Educacional do Deficiente Auditivo (Cedau) do HRAC/USP. Habilitada na área de Deficiência Auditiva e Especialista em Psicopedagogia. E-mail: katiadocedau@yahoo.com.br

***Pedagoga do Centro Educacional do Deficiente Auditivo (Cedau) do HRAC/USP. Habilitada na área de Deficiência Auditiva e Especialista em Psicopedagogia. E-mail: andreaberro@yahoo.com.br

****Psicóloga responsável pela Casa Caracol da Seção de Implante Coclear do HRAC/USP. Mestre em Distúrbios da Comunicação Humana. E-mail: ssandim@hotmail.com

um ganho significativo na sua capacidade auditiva, sendo necessária a intervenção de terapeutas qualificados, que priorizem as habilidades auditivas e da fala, por meio de estratégias de comunicação aurioral, na construção da linguagem oral, o que geralmente ocorre num processo rápido e mais eficaz do que apenas com o uso de AASI.

Alguns fatores devem ser considerados em relação à avaliação do desempenho da criança usuária de IC, tais quais:

- Características da deficiência auditiva (tipo e grau da perda auditiva);
- Idade de acontecimento da deficiência auditiva;
- Época da adaptação do AASI e/ou IC;
- Uso efetivo e funcional dos recursos auxiliares à audição (ASSI e/ou IC);
- Revisão e programação periódica do AASI e IC;
- Cuidados e manipulação do AASI e IC;
- Atitudes e habilidades dos pais;
- Características individuais da criança;
- Trabalho efetivo de habilitação e reabilitação.

O trabalho de habilitação e reabilitação da criança com deficiência auditiva tem que ser vivenciado entre todas as pessoas que fazem parte de sua vida. É importante um trabalho integrado com família, escola e os profissionais (fonoaudiólogo, pedagogo, psicólogo, entre outros), no qual possibilite trocar informações, discutir e encontrar condutas apropriadas e, ao mesmo tempo, contribuir de maneira uniforme para o bem estar da criança. Seja em casa, na escola ou na clínica, é preciso que a criança encontre sempre um ambiente de audição e de linguagem igualmente favorável para seu desenvolvimento.

Na escola, os pais devem ser os primeiros a informar e explicar aos professores sobre os principais cuidados e manuseio do IC e como checar seu funcionamento, de forma a verificar se a criança está escutando adequadamente. É muito importante que o professor mantenha contato com o fonoaudiólogo que realiza fonoterapia com a criança, para esclarecer suas dúvidas sobre o IC, como também para tomar conhecimento sobre o desenvolvimento da linguagem receptiva (o que a criança compreende) e da linguagem expressiva (o que a criança consegue expressar, falar).

Com o pedagogo e o psicólogo, o professor terá a oportunidade de conhecer melhor seu aluno nos aspectos cognitivos, emocionais, entre outros. É imprescindível que o professor tenha conhecimento do nível de desenvolvimento de seu aluno, pois as crianças com deficiência auditiva geralmente entram na escola sem ter adquirido a competência em linguagem oral compatível à sua idade cronológica, podendo apresentar déficits na leitura e na escrita, e como consequência, desvantagens escolares e em muitos casos, uma limitação no seu desenvolvimento global. Mas não é menos capaz que qualquer criança ouvinte; precisa ter acesso às informações, oportunidades, e pessoas que apostem no seu potencial, ajudando a vencer mais essa etapa. Portanto, é muito importante que o professor seja orientado pelos pro-

fissionais para que possa adotar estratégias adequadas para melhor se comunicar com seus alunos com deficiência auditiva, como também estratégias que garantam a compreensão das ordens e instruções das atividades de sala de aula de forma a garantir o acesso aos conteúdos escolares.

Discute-se muito a relação entre a aquisição de linguagem oral e a linguagem escrita e sabe-se, da estreita relação entre os déficits existentes no desenvolvimento da linguagem oral e a posterior interferência na aquisição da linguagem escrita. Tendo em vista o domínio da linguagem oral pela criança com deficiência auditiva, as dificuldades para a apropriação da linguagem escrita podem ocorrer apesar de essa criança ter as mesmas hipóteses que seus colegas ouvintes durante esse processo.

Assim, é de fundamental importância no trabalho de habilitação e reabilitação na abordagem auricular, com crianças com deficiência auditiva em idade escolar, focar o desenvolvimento das habilidades auditivas, mas também as habilidades de leitura e escrita, por meio de variados materiais e estratégias, que auxiliem a aprendizagem e a apropriação do código escrito.

A Oficina de Leitura e Escrita é um recurso interessante, no qual surgem situações que propiciam as crianças lidarem, exercitarem e consolidarem suas ideias sobre a leitura e a escrita junto com outras crianças e com a pedagoga.

A Oficina de Leitura e Escrita não trabalha com métodos de alfabetização específicos, mas sim com estratégias que favorecem e auxiliam o processo de aprendizagem da leitura e escrita, contribuindo significativamente para o desenvolvimento e o enriquecimento da linguagem oral.

Diante disso, tem como proposta:

- Promover ao grupo o contato com materiais ricos, diversificados e diferentes situações de leitura e escrita;
- Auxiliar a criança a assumir uma posição mais positiva diante da língua portuguesa nessa modalidade de expressão;
- Habilitar a criança para o uso funcional e social da língua portuguesa escrita, no seu cotidiano escolar e pessoal;
- Auxiliar o conhecimento de aspectos ortográficos, sintáticos e semânticos;
- Melhorar a qualidade de produção de fala.

Assim, seguem algumas estratégias facilitadoras para a construção do conhecimento das crianças:

- Oportunizar o conhecimento de diversos gêneros (narração, dissertação, descrição, diálogo, cartas, convite, anúncios, textos jornalísticos, gibis, parlendas, músicas, anedotas, trava-língua, adivinhações, fábulas) e diferentes eixos temáticos;
- Oferecer textos adequados, interessantes, significativos e coerentes e com certo grau de estrutura e complexidade ao nível de compreensão das crianças, não subestimando sua capacidade;

- Apresentar textos em torno de eixos temáticos ou como tarefa prática com função definida (recreação, informação, estudo, etc.);
- Criar momentos de produção e reprodução de textos, correção coletiva, relatos de experiência, cartas, bilhetes;
- Trabalhar com a estruturação textual (coesão, coerência e ortografia);
- Trabalhar com expressões de “duplo sentido”, piadas, gírias, jogos de verdadeiro ou falso, caça-palavras;
- Promover a reescrita de textos e histórias;
- Trabalhar com recursos didático-pedagógicos (alfabeto móvel, bingo de letras, jogos de memória, dominó, quebra-cabeça).

O pedagogo poderá adotar algumas atitudes facilitadoras para o envolvimento do grupo de crianças, tais quais:

- Favorecer situações que promovam a troca de ideias diante de fatos conhecidos e desconhecidos pelas crianças nos momentos de leitura;
- Dar oportunidade para que as crianças escolham a sua leitura;
- Resgatar as experiências prévias das crianças e a bagagem que cada uma carrega;
- Trabalhar com a compreensão de textos e vocabulários de forma contínua e efetiva;
- Criar um clima de envolvimento e magia, favorecendo uma relação prazerosa com a leitura;
- Abrir espaços para comentários e discussões, com a participação de todos;
- Rer ler textos que mais as agradam;
- Estimulá-las para que tragam novos textos;
- Analisar cada momento do desenvolvimento de aprendizagem em que cada criança se encontra;
- Utilizar estratégias metacognitivas (monitorar o processo de leitura);
- Dar oportunidade para que as crianças possam perguntar, responder, explicar, resumir, porque essas são atividades comunicativas importantes e que fazem parte do “discurso escrito”;
- Trabalhar a consciência fonológica, respeitando o ritmo de compreensão e a forma de apresentação/exploração.

A criança com deficiência auditiva que se apropria da leitura e escrita da Língua Portuguesa tem seu desenvolvimento saudável e equilibrado e com mais oportunidade de inclusão escolar e social, visto que hoje deparamo-nos com um mundo no qual a maioria das informações é acessada através da leitura e transmitida por meio da escrita. Lembrando que o desenvolvimento da linguagem escrita dessa criança é um processo gradativo e deverá ser acompanhado desde o início pela tríade família-escola-reabilitadores.

Bibliografia Sugerida

BERRO, A.G.; BRAZOROTTO, J.S; BUFFA , M..J..M.B.; GODOY, L.A.F.; OLIVEIRA, K. F. *Manual de orientação para professores de crianças com deficiência auditiva: abordagem aurioral*. 2 ed. São Paulo: Editora Santos, 2008.

BEVILACQUA, M.C.; MORET, A.L.M. *Deficiência auditiva: conversando com familiares e profissionais da saúde*. São José dos Campos: Pulso, 2005.

BEVILACQUA, M. C.; MORET, A. L. M.; COSTA, O. A. Conceituação e indicação do implante coclear. In: BEVILACQUA, M. C., et al. *Tratado de Audiologia*. São Paulo: Grupo Gen – Editora Santos, 2011. p. 407-425.